

A repercussão de Pierre Bourdieu na Argentina: entrevista com a socióloga Mariana Heredia*

Fábia Berlatto¹ 

Faremos uma primeira questão sobre seu percurso pessoal. Nós gostaríamos que você apresentasse sua trajetória escolar, as instituições nas quais estudou e como escolheu a sua área de pesquisa, a sociologia política.

Eu comecei a estudar sociologia na Universidade de Buenos Aires (UBA) no começo da década de 1990. Era um momento particular para a universidade, porque, à diferença do que ocorreu no Brasil, tanto no Chile como na Argentina as ditaduras foram muito destrutivas. De fato, a formação em Sociologia ficou fechada por um tempo, e, embora tenha sido reaberta durante a ditadura, muitos dos seus professores foram para o exterior, alguns deles para a França. Então, quando eu iniciei a carreira, em 1992, fazia relativamente pouco tempo que essa situação havia se normalizado. Era um momento de bastante efervescência, pois muitos professores estavam voltando do exterior e elaborando novos programas. Uma

das primeiras disciplinas que eu cursei durante minha formação, Sociologia Geral, com Ricardo Sidicaro, que havia estudado na França com Alain Touraine, tinha em sua bibliografia *Les héritiers: Les étudiants et la culture* (BOURDIEU; PASSERON, 1964)¹, de Pierre Bourdieu. Então, eu comecei a estudar sociologia lendo esse livro e refletindo sobre trajetórias sociais, particularmente sobre como a relação com o conhecimento era diferente segundo as origens sociais dos estudantes. Assim, Bourdieu esteve presente desde o início da minha formação como socióloga aqui na Argentina. Terminei o curso por volta de 1997, 1998 e trabalhei alguns anos como assistente de investigação de uma socióloga especialista em gênero e trabalho, Catalina Wainerman, com a qual aprendi muitas das ferramentas metodológicas da disciplina, e com Alfredo Pucciarelli, que era um professor mais vinculado às ciências sociais latino-americanas de inspiração marxista. Nenhum dos dois era bourdieusiano.

*Mariana Heredia é socióloga e pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa Científica da Argentina. Ela também é professora na Universidade Nacional de San Martín (UNSAM) e Universidade de Buenos Aires (UBA) (Argentina). Seus principais interesses de pesquisa envolvem elites e políticas públicas, desigualdades sociais, dispositivos de mercado e crises econômicas. Ela é a autora de *A quoi sert un économiste* (La Découverte, 2014) e *Cuando los economistas alcanzaron el poder* (Siglo XXI, 2015).

¹Fundação Getúlio Vargas (FGV), São Paulo (SP). E-mail: fabiaberlatto@gmail.com
Recebido em: 23/07/2019. Aprovado em: 24/07/2019

1 Em espanhol: BOURDIEU, 1969.

Alfredo Pucciarelli trabalhava mais com questões de sociologia econômica e política; ele havia se dedicado aos grandes temas, à burguesia, à hegemonia, enfim, ao poder na região. Mas eu tinha ficado com a sensação de que havia algo na sociologia francesa, e muito especialmente na sociologia de Pierre Bourdieu, que me fascinava e que tinha marcado a minha vida. Então, no ano 2000, fui estudar primeiro o mestrado e depois o doutorado na França, na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, e na hora de escolher uma orientadora de tese terminei trabalhando com Monique de Saint-Martin, que era a pessoa que pesquisava com Pierre Bourdieu as questões vinculadas às elites. Com ele, ela escreveu *Le patronat* (BOURDIEU; SAINT-MARTIN, 1978), parte de *Noblesse d'État* (1989), muitos dos clássicos da sociologia bourdieusiana atentos à questão da desigualdade, sobretudo à questão das elites. Com ela, eu fiz o meu mestrado, que nesse momento se chamava *Diplôme d'Études Approfondies* (DEA), e o meu doutorado. Quando eu cheguei à França, Bourdieu ainda vivia, porém já não recebia estudantes para dirigir suas teses de doutorado, mas dava grandes conferências no *Collège de France*. Então, fui escutá-lo em algumas dessas conferências. Estava na França quando ele faleceu e tenho todos os comentários que saíram em diferentes jornais, revistas literárias e demais honrando seu pensamento, sua herança etc. Os temas de pesquisa que eu fui desenvolvendo são bastante, como posso dizer, transdisciplinares. Isso porque eu trabalhei sobre os economistas e a política econômica na Argentina para a minha tese de doutorado, a qual podemos pensar que é uma tese de sociologia econômica e de sociologia política

ao mesmo tempo (Heredia, 2007). Depois, mais tarde, passei a trabalhar sobre as classes altas ou as elites na Argentina e tive, se você quiser, a sensação de que Bourdieu me dava muitas ferramentas. Ao mesmo tempo, tinha de questionar muitas das suas conclusões para calibrar as suas ideias, que me serviram para compreender a realidade latino-americana e a realidade argentina². Em todo caso, para me deter à primeira pergunta, estudei sociologia na UBA, depois fiz meu mestrado e doutorado na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, em Paris. Voltei para a Argentina e tive a sorte de nesse momento a universidade estar ampliando a equipe de pesquisadores e docentes. Assim, desde o momento da minha volta, em 2007, o que já faz 12 anos, dedico-me à investigação de temas que têm sempre uma perspectiva sociológica, mas que interligam a sociologia econômica, a sociologia política e a questão das desigualdades sociais.

Quais ferramentas metodológicas foram aprendidas com Catalina Wainerman? Onde e com quem ela estudou?

Os sociólogos da UBA e da Universidade Nacional de San Martín (Unsam) têm bastante formação metodológica. Naquele momento a sociologia tinha três metodologias: uma geral, uma metodologia quantitativa e outra qualitativa. O que aconteceu foi que Catalina Wainerman, professora humanista, dizia com insistência que havia algo na aprendizagem de investigação que era muito artesanal, muito de ofício. Então, para além de fazer os cursos, quando se pode participar de pesquisas, fazendo entrevistas, tabulando dados estatísticos, fazendo grupos focais, a experiência é outra, não? Há algo nisso que

2 Mariana Heredia publicou um capítulo no qual fala sobre os usos de Bourdieu para entender as classes altas argentinas (HEREDIA, 2012).

também explica minha aproximação com Bourdieu. Foi com essa socióloga, que havia estudado nos Estados Unidos, que eu treinei desde o manejo de fontes estatísticas nacionais até a interpretação de grupos focais, de entrevistas em profundidade. Nós fizemos um belo trabalho sobre os livros de leitura de escola primária, trabalho de arquivo, com materiais históricos, documentais, de muito longo prazo. Minha sensação era de que, pelo menos é o que vejo nesse momento, se colocava muita ênfase nas questões da produção de informação, do cuidado no tratamento dos dados e dos fundamentos científicos das afirmações derivadas da academia norte-americana. Ela fez seu doutorado na Cornell University e tinha formação em etnometodologia. Ela havia introduzido Erving Goffman e Harold Garfinkel em Buenos Aires, mas depois, pela instabilidade econômica da Argentina, terminou trabalhando com questões mais de gênero e família, porque para isso havia financiamento. Foi nessa área que se baseou grande parte de sua obra. Por outro lado, o outro professor de quem lhe falava, Alfredo Pucciarelli, especialista em sociologia latino-americana, em pensamento crítico, trabalhava com grandes ensaios, grandes ideias, grandes questões sobre Karl Marx, Antonio Gramsci e seus derivados na região. Eu sentia que a sociologia de Bourdieu permitia de algum modo entrelaçar as duas coisas, ter uma reflexão teórica, digamos, recuperar as grandes perguntas que tem a nossa sociedade ou que têm os intelectuais em nossa sociedade, mas com maior sustentação empírica. Minha aproximação com Bourdieu se deve a isto: ele se apoia mais em pesquisas empíricas, digamos, à diferença de outros teóricos da sociologia, como Anthony Giddens, naquele momento, ou dos norte-americanos, como Richard Sennett ou Craig Calhoun, com sua teoria social, ou mesmo

de Zygmunt Bauman. No caso de Bourdieu, há a pretensão de teoria geral que conversa com a filosofia, de teoria em termos mais ambiciosos, mas sempre fundamentada em pesquisas que mobilizam dados próprios, ou em outras investigações, para condensar o que quer dizer. Assim, as perguntas que ele formulava e as investigações empíricas cuidadosas empreendidas para responder a elas me davam muitas razões de peso para me interessar por seu pensamento.

A repercussão inicial de Bourdieu no Brasil deu-se nos anos 1970, principalmente com o tema educação. No caso da Argentina, em quais disciplinas ele era apresentado? Há algum patrono de Bourdieu na Argentina?

Minha aproximação com Bourdieu ocorreu no primeiro ano de minha graduação. Eu tinha 19 anos e acabara de começar o curso de Sociologia, durante o qual nos ensinaram os métodos sociológicos de Bourdieu e, algum tempo depois, a obra *Les héritiers: Les étudiants et la culture* (1964). Não houve na Argentina, como me parece que ocorreu em alguns outros lugares, um introdutor de Bourdieu, senão muitos. Havia muitas pessoas que tinham lido diferentes pesquisas, distintas contribuições de sua obra, e as iam introduzindo em suas aulas. Parte dessa introdução foi dada por argentinos que estiveram exilados e que tinham estudado na França. Por exemplo, Ricardo Sidicaro, um especialista em sociologia política, introduziu as questões dessa área baseado na teoria dos campos de Bourdieu. Depois, Emilio Tenti Fanfani introduziu questões de sociologia da educação. Em seguida, Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano introduziram as questões mais vinculadas à análise da cultura. Finalmente, Eliseo Verón tratou da teoria da comunicação, dos avanços em

comunicação, televisão e cultura. Foram, então, distintos temas e diversos introdutores desses temas. Além do mais, no meu caso, houve uma situação engraçada. Meu primeiro companheiro, Pablo Tovillas, era um jovem estudante do grupo de Ricardo Sidicaro que queria se especializar em Bourdieu. Há um livro que saiu em 2010 escrito por ele, *Pierre Bourdieu, una introducción*. Quando eu o conheci, ele dava aulas sobre Bourdieu. Depois nós namoramos e, então, parte de nosso romance na Argentina e do nosso projeto de irmos estudar na França tinha relação com essa paixão compartilhada pelo que tínhamos podido ler de Bourdieu aqui. É importante dizer para as gerações mais jovens que, naquele momento, apenas começava a compra de livros pela Amazon e, portanto, era difícil ter acesso a publicações norte-americanas ou francesas. As universidades públicas e privadas na Argentina não se caracterizavam por ter grandes bibliotecas. Então, era difícil ler aquilo que não era traduzido para o espanhol. As primeiras coisas que foram traduzidas, e creio que foram as mais lidas, foram *Sociología y Cultura*, que a editora Grijalbo publicou no México em 1990³ (Bourdieu, 1990), e *Cosas Dichas*, que a editora Gedisa publicou em Barcelona, em 1993⁴. Esses livros chegaram à Argentina no início dos anos 1990 e era o que líamos. Havia também uma ou outra tradução em alguma revista que já não existe, como a revista *Sociedad*, ou a revista *Apuntes de Investigación*, que traduziram algumas coisas pontuais de Bourdieu. Mas o que é engraçado é que, quando eu quis estudar na França, entrei em contato com Monique de Saint-Martin para que ela me orientasse, mas eu não ti-

na como acessar a bibliografia que ela havia escrito — sozinha ou com Bourdieu. Então, uma colega de Mar del Plata, que também era orientada por Monique de Saint-Martin, a historiadora Marcela Ferrari, mandou-me fotocópias dos livros de Monique, além de outras coisas. Isso só para lhe dizer que as coisas circulavam de maneira muito artesanal e em grande medida por meio de favor de uma pessoa para outra. Além dessas publicações que foram saindo nos anos 1990, até a obra *La Distinction* (1979), traduzida nos anos 2000⁵, os outros textos em francês que circulavam era porque alguém havia conseguido fotocopiá-los e transportá-los de um continente ao outro e, então, os colocavam à disposição dos colegas. Uma coisa muito artesanal. Assim, foram um pouco o exílio e um pouco esse tipo de generosidade que fizeram com que eu fosse conhecendo os textos de Bourdieu e de seu grupo. Era engraçado ir à biblioteca da UBA fazer uma pesquisa bibliográfica, em 1998 ou 1999, porque os últimos livros tinham sido comprados nos anos 1960 ou 1970, e quase não havia livros estrangeiros. Ademais, por exemplo, quando chegou *La Distinction*, era caríssimo, era um livro que eu não podia comprar. Tampouco havia subsídios de pesquisa aos professores para comprar livros. Havia também algo de um mundo de mandarins que não só claramente controlavam as cátedras, mas também as bibliotecas, porque eles tinham os livros que não existiam em nenhuma livraria ou biblioteca. Assim, foi incrível a experiência de ir às bibliotecas da França, com tudo o que havia à disposição para ler! Acredito que para os brasileiros o contraste tenha sido menor, porque houve mais continuidade e inventi-

3 No original: BOURDIEU, 1984.

4 No original: BOURDIEU, 1987b.

5 A primeira edição em espanhol de *La Distinction*, pela editora Taurus, foi no ano de 1988.

vidade, ou seja, criatividade para produzir em condições de pouco apoio financeiro e institucional. Há algo importante a se pensar sobre a circulação das ideias: na Argentina as ciências sociais são um espaço pouco profissionalizado, para o bem e para o mal. Para o bem, porque há muita gente que lê literatura de ciências sociais, mesmo que não seja sociólogo profissional. Há muitos amadores que gostam de ler essas coisas — por exemplo, alunos da área de letras que mesmo quando abandonam o curso adquirem livros da nossa área, porque leem resenhas que são publicadas em boas revistas literárias. Assim, há um mundo amplo da cultura política, intelectual, digamos. Para o mal, porque, ao mesmo tempo, os postos são mal remunerados e os docentes não ganham o suficiente para comprar livros. Também há algo nisso que é mais poroso e horizontal, o lado contrário da profissionalização: não se consegue assentar as coisas, nem se consolidar em seus campos. Por isso eu digo que não se pode falar em campos na Argentina, pelo menos não de campos intelectual e científico.

Então não houve na Argentina o predomínio de uma disciplina sobre Bourdieu?

Não. O que se pode dizer — e acredito que o caso do Brasil é o mesmo, porque é um fenômeno global — é que até a década de 1970 as ciências sociais dialogavam mais entre si, enquanto posteriormente elas foram se separando. Na Argentina, temos uma revista que era muito importante no passado, agora menos, que é *Desarrollo Económico*⁶. Aí publicavam economistas, sociólogos, politólogos, antropólogos, historiadores. Havia

um espaço de interlocução entre as distintas ciências sociais em que se associava do estruturalismo até o marxismo. Depois da década de 1980, com a volta da democracia e a normalização das universidades, o que houve foi uma separação muito clara entre os economistas e o restante. Como falam os economistas na minha tese de doutorado: “Os velhos escreviam em prosa e nós escrevemos em fórmulas”. Em fórmulas matemáticas, eles querem dizer. É muito difícil para um sociólogo ler um economista hoje. E os cientistas políticos também se tornaram cada vez mais modelizadores e quantitativistas, com discussões muito específicas entre si. Então, eu diria que Bourdieu serviria para discutir com a *rational choice*, para questionar a autonomia da política em relação à sociedade, para refletir sobre o enraizamento dos mercados na vida social. Mas, de algum modo, Bourdieu praticamente não teve influência na área de economia nem de ciência política. Ele foi importante na sociologia e nas disciplinas próximas, tais como sociologia da educação, sociologia da cultura, sociologia política e econômica, mas essas áreas são especialidades que tratam de contestar o predomínio da *rational choice*, que foi se impondo naquelas duas disciplinas.

É possível dizer que a sociologia de Bourdieu é uma matriz vitoriosa no espaço acadêmico argentino? Há um enraizamento institucional da sociologia bourdieusiana em seu país?

Sobre a primeira questão, sim e não. Por um lado, parece-me que sim, pois quase todos os sociólogos, quase todas as pessoas que fa-

6 A revista integra o núcleo base de publicações científicas da Argentina, Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal (Latindex) — Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. Foi fundada no início dos anos 1960, no momento em que a modernização das ciências sociais estava em processo de institucionalização, e acomodou as contribuições das várias disciplinas: Economia, Sociologia, História, Ciência Política, Antropologia.

zem ciências sociais sabem quem é Bourdieu, leram alguma coisa sua, lhe conferem respeito, sabem que há coisas interessantes a aprender com ele. Também porque é a última grande teoria que logrou ordenar certas formas de pensar e certas agendas de pesquisa. Por outro lado, parece-me que não, mas não por causa de Bourdieu, e sim porque há grande dispersão e custa muito unificar, ou seja, sustentar, discussões na Argentina. Queria dizer duas coisas sobre esse último ponto. A primeira é que não há muitas discussões fundadas teoricamente, ou melhor, não há com frequência temas ou ocasiões para que as pessoas possam de fato conversar e acumular conhecimentos. O que existe são monólogos isolados. E a segunda é que também custa fazer uma articulação entre os avanços empíricos e as categorias que se usam em sociologia. Então, parece-me que aí há problemas que envolvem a crise do estruturalismo e que de algum modo alcançam Bourdieu e todos os teóricos que vieram depois: a grande dispersão e a dificuldade entre os cientistas sociais para nos colocarmos de acordo sobre duas, três ou quatro maneiras de pensar o social. Temos a *rational choice*, que é muito forte nos Estados Unidos, na economia e na ciência política de inspiração norte-americana. Além disso, há muitas teorias mais compreensivas, mais descritivas, mais orientadas culturalmente, digamos, ou que têm uma definição de ação mais plural, mais vinculada aos valores, às capacidades cognitivas, à rotina, mas que não chega a ser muito consciente. Se Bourdieu não é vitorioso, não é porque não seja importante, senão porque há pouca reflexividade nas teorias atuais em comparação com outras épocas. Se olharmos os programas de sociologia na UBA ou da Unsam, bem como os mestrados em Sociologia nessas instituições, veremos que quase todos têm

algum texto de Bourdieu. Eu diria que ele é muito lido. Assim, o meu desafio como coordenadora do mestrado é antes excluir Bourdieu da bibliografia do que acrescentá-lo, para que ele não se sobreponha tanto.

No Brasil, os livros de teoria de Bourdieu foram os primeiros a terem suas traduções apresentadas pelas editoras. A obra *La Reproduction* (BOURDIEU; PASSERON, 1970), por exemplo, foi traduzida por aqui em 1975 — pela Série Educação em Questão, da editora carioca Francisco Alves. Tivemos acesso ao Bourdieu das grandes pesquisas empíricas mais tardiamente. O livro *La Distinction* (1979), por exemplo, foi traduzido apenas em 2007. Como se deu a difusão editorial de Bourdieu na Argentina? Quais foram os primeiros textos traduzidos no que diz respeito à divisão entre teoria e empiria? Quais foram os livros mais lidos?

Como eu lhe dizia, as primeiras traduções que chegaram vieram pelo México ou pela Espanha. O governo francês muitas vezes financia as traduções de seus autores e os direitos de propriedade. Por isso, traduzem-se bastante os franceses e menos os norte-americanos. Em todo caso, na Argentina, traduziu-se um texto de sociologia econômica de Bourdieu pela Ediciones Manantial (*Les structures sociales de l'économie*, 2000), e outros pela editora Siglo XXI, mas essas traduções argentinas são mais tardias, são dos anos 2000. As traduções do início dos anos 1990 eram provenientes do México ou da Espanha e foram compilações de artigos como *Choses dites* (1987b) e *Sociología y Cultura* (1990)⁷, como falei anteriormente. Penso então que foi uma mescla entre textos teóricos e textos de pesquisa empírica. Por

7 No original, em francês: BOURDIEU, 1984.

um lado, é mais empírico quando fazemos um contraponto com Jürgen Habermas ou com Anthony Giddens, por exemplo, que são autores teóricos, ensinados em matérias tais como Pensamento Sociológico II, Teoria Social Sistemática, que pertencem ao currículo da graduação. Por outro lado, Bourdieu ensinava-se em muitas matérias diferentes, tais como Sociologia Urbana, Sociologia da Educação, Sociologia da Cultura e, nesse sentido, já associado com suas investigações mais empíricas — sobre o mercado imobiliário, o casamento entre os cabilas, a televisão, a dominação masculina. Assim, ele foi chegando a públicos distintos e afastando-se do lugar de um teórico puro na Argentina. Isso se deu, creio, porque os professores que o introduziram eram professores que haviam feito carreira ou algum estudo, como o doutorado, na França, e todos tinham a convicção de que a fortaleza da sociologia francesa era a articulação entre teoria e pesquisa empírica — à diferença dos alemães e de uma parte dos norte-americanos que acreditavam em uma teoria pura. Além desses livros que vieram da Espanha e do México, e de outros que foram sendo traduzidos por diferentes editoras a partir dos anos 2000, houve na Argentina algo que explica a vocação militante dos estudantes. São as traduções de artigos seus publicadas em diferentes revistas, como a revista *Sociedad*, que publicou um artigo de Bourdieu para ajudar a compreender o aparato estatal.

Fale-nos um pouquinho mais sobre este ponto: sobre a influência de Bourdieu na militância estudantil argentina.

As associações estudantis são muito ativas nas universidades públicas argentinas, especialmente na UBA. Pode-se até dizer que elas são um corpo mais forte do que o dos professores ou dos graduandos na definição

do cotidiano da universidade. Em geral, os grupos são de esquerda e exigem a incorporação de bibliografia dessa orientação nos assuntos. Na medida em que Bourdieu dedica grande parte de seu esforço intelectual à denúncia de desigualdades e desigualdades educacionais, ele foi bem recebido pelos estudantes e seus grupos. Por exemplo, com base em Bourdieu, denúncias poderiam ser feitas sobre a duração das leituras exigidas ou sobre o cronograma das aulas como se recompensassem aqueles que não trabalhavam ou tinham ajuda econômica vinda da família. Para muitos, Bourdieu encaixava-se sem problemas na tradição da sociologia marxista ou antilutista. Essa é uma espécie de doxa bastante forte na cultura universitária argentina.

Fale-nos sobre o grupo intelectual ao qual você se filia e que compartilha com você a concentração em torno de Pierre Bourdieu. Como vocês se aproximaram? Quais são seus temas ou objetos de pesquisa? Qual é a conexão internacional desse grupo?

Quando eu estudei Sociologia, praticamente todos os que viviam em Buenos Aires, ou em suas adjacências, estudavam na UBA. Isso mudou nos últimos anos porque se criaram formações em Sociologia nos arredores, por exemplo, na Universidad Nacional de la Plata e na Unsam. Digo isso porque éramos um grupo relativamente pequeno de sociólogos, sobretudo quando começamos a fazer pesquisas. Naquele momento, havia algumas poucas bolsas de estudo e éramos talvez 10 ou 15 pessoas que nos graduávamos por ano, que se conheciam e que cursavam disciplinas juntas. Foi interessante porque algumas dessas pessoas foram para os Estados Unidos, por exemplo, o Claudio Benzecry, que também é um leitor assíduo de Bourdieu.

Ele escreveu um livro chamado *El fanático de la ópera* (BENZECRY, 2012), no qual desmonta a tese de Bourdieu sobre a relação atribuída entre gosto e a posição dos sujeitos na estrutura social. Depois, outro grupo de pessoas, incluindo a mim, foi para a França, como Gabriel Nardacchione, Federico Lorenc Valcarce, Mariana Luzzi, Sebastian Pereyra, Gabriel Vommaro e Ariel Wilkis. O que é interessante é como esse grupo que foi estudar na França, em grande medida seduzido pela sociologia de Bourdieu, foi se aproximando mais da sociologia pragmática de Luc Boltanski, Laurent Thévenot, Bruno Latour e Michel Callon. Quase todos compartilharam de certo distanciamento de Bourdieu e se aproximaram daqueles que romperam com ele, mas que também o sucederam e que formaram uma corrente na sociologia francesa que conhecemos aqui como *pragmáticos*. Esse grupo, ao voltar para a Argentina, dispersou-se em diferentes universidades: Federico Lorenc Valcarce está em Mar del Plata, Mariana Luzzi está na Universidade Nacional de General Sarmiento, Gabriel Nardacchione está na UBA, Luis Donatello está ali e em Santa Fé. Mas todos seguimos trabalhando juntos na Argentina e no exterior em parcerias, dando continuidade à experiência do doutorado. Vários de nós confluímos no Instituto de Altos Estudios Sociales (Idaes), um centro de investigação e de pós-graduação onde dirijo o mestrado em Sociologia Econômica, na Unsam. Parte dessas pessoas, com as quais me afilio não só institucionalmente, mas também intelectualmente, forma um grupo de discussão de teoria. Nós nos reunimos uma vez por mês para debater pesquisas em que estamos envolvidos ou interessados, mas também material teórico mais ambicioso, de perspectiva bourdieusiana ou não — bourdieusiana e pragmática ao mesmo tempo, em uma

tensão que cada um resolveu à sua maneira. Federico Lorenc Valcarce trabalhou sobre o mercado da segurança privada, sobre como, diante do recuo do Estado, se estabelecem muitas empresas privadas que vendem segurança; Mariana Luzzi trabalhou sobre os investidores financeiros nas crises econômicas; Sebastian Pereyra trabalhou sobre o problema da corrupção e seu impacto na dinâmica política local; Gabriel Andrés Nardacchione, sobre os movimentos de docentes, as reivindicações dos docentes na esfera pública; Gabriel Vommaro, sobre os especialistas em medição, em estudos de opinião, pesquisas eleitorais; Ariel Wilkis, sobre a gestão de dinheiro nos setores populares; Florencia Luci, que também foi para a França, trabalhou sobre os chief executive officers (CEOs) ou diretores de empresa; Victoria Gessaghi também foi para a França e trabalhou sobre a classe alta em Buenos Aires e sua educação; Cecília Veleda, que publicou com François Dubet, mas muito influenciada por Bourdieu trabalhou sobre a escolha de escolas pelas classes médias; Lorena Poblete pesquisou sobre o trabalho informal e a regulamentação trabalhista; Mariana Gené pesquisou sobre os profissionais da política. O que é significativo é que, se boa parte dos argentinos que foram para a França voltou com certa influência do pragmatismo, todos voltaram com uma importante influência de Pierre Bourdieu. Alguns de nós o questionamos, mas creio que ele balizou o trabalho de toda essa geração que, eu diria, está praticando hoje a sociologia na Argentina. É isso que argumentamos com Claudio Benzecry em um artigo que escrevemos sobre o estado da sociologia na Argentina (BENZECRY; HEREDIA, 2017).

Sobre as conexões internacionais, a outra parte da sua questão, orientei uma tese com Offerlé, tive um projeto no Programa

Ecos-Sud com ele, e com Gisèle Sapiro trabalhei em um projeto grande sobre as ciências sociais no mundo. Houve possibilidades de fazer algumas coisas interessantes a distância. Também trabalhamos muito com o Chile, com o México e com outros países, além de vários países europeus. Na França, temos bastante proximidade com os pragmáticos, com Luc Boltanski, Cyril Lemieux e o grupo do Laboratoire Interdisciplinaire d'Études sur les Réflexivités, que também estão brigados entre si, mas podem ser considerados como pós-bourdiesianos. A Unsam, a universidade onde trabalho, tinha um convênio com a *École des Hautes Études* em Sciences Sociales e então recebemos muitas pessoas, como Stéphane Beaud, que escreveu com Michel Pialoux um livro sobre as condições dos trabalhadores, um livro precioso (BEAUD; PIALOUX, 1999).

Essa maior aproximação com os pragmatistas franceses seria fruto também das conhecidas querelas entre os acadêmicos franceses? O que você tem a dizer sobre os herdeiros franceses de Bourdieu?

Sim, totalmente. Creio que foi a experiência de toda essa geração de que lhe falei. Eu cheguei fascinada com o pensamento de Bourdieu para trabalhar com uma orientadora francesa que havia trabalhado com ele — e que mesmo tendo tomado distância dele seguia pensando com suas categorias. Durante esse primeiro ano na França, que foi o ano de minha dissertação de mestrado, impressionou-me a diferença entre o que eu havia vivido na Argentina e o que estava ocorrendo na França. Na Argentina, Bourdieu era representado como alguém que estimulava questões, que era criativo no modo como as desenvolvia e tinha um pensamento sofisticado, enquanto na França isso tudo havia se transformado em algo vulgar, trivial.

Ou seja, Bourdieu havia se transformado em um molde rígido ao qual se devia submeter todos os temas sem se questionar se seu campo os estava resistindo, se havia problemas na aplicação de suas categorias. Para mim, foi notável constatar que todas as pessoas mais interessantes que haviam se relacionado com Bourdieu originalmente, entre elas minha orientadora, Monique de Saint-Martin, mas sobretudo Boltanski, Thévenot, Jean-Claude Passeron, ou seja, o grupo que havia produzido as coisas mais interessantes no fim dos anos 1970 e princípio dos anos 1980 havia se distanciado violentamente dele. E todas as pessoas que seguiam dando aulas e que dirigiam o então Centre de Sociologie Européen repetiam uma ladainha. Parecia uma seita religiosa mais do que um espaço intelectual efervescente. Claro que há pessoas no marco bourdiesiano que seguiram fazendo coisas interessantes na França, pessoas com as quais eu tive bastante proximidade. Robert Castel é um deles, com seu livro *Les métamorphoses de la question sociale* (1995), que é uma joia e que é inspirado de algum modo em Bourdieu, ou Michel Offerlé, que trabalhou sobre a profissão política na França e os sindicatos de empresários — uma pessoa que desenvolveu contribuições superinteressantes na área da sócio-história. Também Gisèle Sapiro, Luc Boltanski, Michel Callon e Bruno Latour estavam fazendo coisas novas. Claro que em parte essas coisas novas tinham a ver com um diálogo tenso com o que Bourdieu havia desenvolvido. Claudio Benzecry, meu amigo argentino que mora nos Estados Unidos, conta que a recepção de Bourdieu foi muito diferente naquele país — mais sofisticada, mais interessante. Na França, ele se transformou realmente em algo muito empobrecedor, e quem o replicava eram pessoas muito medíocres. Eu escrevi em um capítulo de teoria que vai ser publicado num livro de

Gabriel Nardacchione⁸ que “o primeiro indício de minha iminente traição a Bourdieu foi o cansaço, a decepção”, a constatação de que

os discípulos franceses de Bourdieu disseca-ram tanto o seu pensamento original que o levaram a um ponto caricatural. Tudo parecia reduzir-se à justaposição de infinitos campos determinados sempre pela origem social dos agentes e relevantes apenas na medida em que habilitavam a denúncia de uma dominação social, niveladora e onipresente. A combinação de prestígios herdados, negligência intelectual e impostação crítica fazem estragos (HEREDIA, 2019).

Eu identificava no marxismo e no bourdieusianismo estas três coisas: herdeiros medíocres, preguiçosos, e que ainda consideravam que a crítica deles ao capitalismo era superior às demais, como se isso fosse o suficiente para fazer boa sociologia. Minha tarefa nesse capítulo foi pensar nas minhas duas pesquisas, sobre poder e desigualdades, e apresentar até onde Bourdieu me havia servido e a partir de onde eu tive de tomar distância. Sobre esse ponto ainda, penso que aí se evidencia o pior do imperialismo intelectual, que é esperar que os intelectuais dos países periféricos importem categorias de maneira acrítica, em vez de estimulá-los para que pensem as especificidades de seus países. Minha sensação é a de que os herdeiros franceses de Bourdieu exigiam que nós importássemos as categorias de Bourdieu de maneira acrítica. Isso era um insulto à nossa inteligência! Há outro cenário a ser ressaltado: o das brigas entre os franceses. Eles estão

brigados entre si, o que é uma pena! Num contexto em que já estão mais debilitados porque, apesar das novas tecnologias de que falávamos, que permitem o acesso a todo o conhecimento produzido no mundo, os franceses em parte se recusavam a absorver a sociologia americana ou não manejavam tanto o inglês como os latino-americanos. Então, para eles, essa é uma passagem difícil. Eles estão em menor número e, além disso, custa-lhes mais entrar nessa lógica — e se ainda brigarem entre si a questão se complica ainda mais. Acredito que esses autores pragmáticos, como Bruno Latour, Michel Callon e Luc Boltanski deram a volta sem desmerecer a herança bourdieusiana. Eles refinaram-na, digamos, tornaram-na mais complexa. Assim, houve uma continuidade problemática, mas uma continuidade que foi interessante também. Minha sensação é de que os bourdieusianos não têm vocação de calibrar as categorias. Por exemplo, Bourdieu pensou o capital econômico pelo prisma do período do pós-guerra, e hoje a economia é outra coisa e temos de pensar o capital econômico de outra maneira. Parece que não houve a vocação de seguir com esse pensamento, porém atualizando-o. Por isso, parece-me que acabou sendo uma coisa um pouco nostálgica, de crítica generalizada ao que está acontecendo na sociedade hoje. Um pouco é esse o clima do livro *La Misère du Monde* (1993), que se apoderou da sociologia francesa e que, por um lado, é bom, pois faz denúncias importantes sobre a desigualdade, compartilha essa missão, mas por outro lado carece de estudos sobre as novas desigualdades e pensar com um pouco mais de originalidade os desafios que a nova reali-

8 Gabriel Nardacchione, uma das pessoas que fazem parte dessa geração, está organizando um livro que se chamará *Calibrando el foco: estudios sobre la formación de categorías conceptuales y empíricas*, que será publicado em 2019 pela editora SB, de Buenos Aires.

dade levanta. Eu creio que em Bourdieu há muitos elementos para fazê-lo. Eu mesma incentivo que se leia Bourdieu, dou Bourdieu em minhas matérias. Não me parece que seja tanto um problema da sociologia de Bourdieu, mas da forma como essa sociologia terminou circulando.

Que conceitos teóricos e que ferramentas metodológicas Bourdieu oferece para a realização de suas pesquisas e análises? Uma das grandes contribuições de Bourdieu é a teoria geral dos campos, o que nos remete ao uso da análise de correspondência múltipla (ACM) como um instrumento útil para nos ajudar a avançar no conhecimento e na compreensão do mundo social. No entanto, a ACM não é utilizada pelos sociólogos no Brasil. Isso ocorre na Argentina?

Acredito que são ferramentas muito úteis, mas há algo de utilidade nas ferramentas que se esgotam na prática, em sua capacidade para iluminar, até mesmo por oposição ao que a investigação vai revelando. Uma das primeiras coisas que fiz na França, que para mim foi fascinante, foi com uma investigadora russa chamada Olessia Kirtchik. Nós duas trabalhávamos com Monique de Saint-Martin e as duas sobre economistas e a reforma do mercado, ela na Rússia e eu na Argentina. Nós duas começamos pensando que trabalharíamos sobre o “campo” dos economistas em nossos países. Logo depois nos demos conta de que a ideia de “campo” era problemática tanto para o caso da Rússia quanto para o da Argentina. Nós acabamos publicando um artigo na revista *Information sur les Sciences Sociales*⁹ (HEREDIA; KIRITCHIK, 2010), em que argumentamos sobre o porquê a noção de campo nos pareceu insu-

ficiente. Ela levanta alguns postulados que são úteis para a sociedade francesa dos anos 1970 e 80, para os quais foram formulados, mas essas condições não ocorriam na Argentina ou na Rússia para podermos falar em “campo”. Vou dar um exemplo concreto da minha tese. O primeiro problema que eu enfrentei usando a noção de “campo” foi que os economistas que entrevistei faziam de tudo: eram professores, eram consultores, eram funcionários públicos, eram pesquisadores. Sendo assim, em que “campo” eu os colocaria? No “campo” midiático? No “campo” universitário? No “campo” da consultoria? No “campo” estatal? No “campo” dos partidos políticos? Havia uma espécie de múltiplos posicionamentos que fazia com que a noção de “campo” se tornasse problemática. Para piorar, os heterodoxos e os ortodoxos não discutiam entre si, não disputavam o mesmo capital. Os ortodoxos queriam publicar na revista dos ortodoxos, e os heterodoxos, na revista dos heterodoxos. Então, será que podemos dizer que eles eram parte de um mesmo “campo”? Era um problema isso. Depois, as pessoas que haviam se inspirado em Bourdieu para trabalhar sobre os economistas e as reformas de mercado pressupunham uma sequência: primeiro haviam se tornado dominantes no “campo” intelectual e, em seguida, haviam se tornado dominantes no “campo” político. Eu não podia recortar esses dois “campos” com clareza e, somado a isso, essa temporalidade não se observava. Ao contrário, só quando tinham êxito como funcionários consolidavam sua posição nas universidades e em centros de pesquisa. Eu não diria que as ferramentas de Bourdieu não me serviram, pois elas serviram muito, mas serviram mais quando me dei conta de que poderia usá-las para tomar distância. Às vezes o que eu tenho é outra cria-

9 Editada pela Maison des Sciences de l’Homme, de Paris, França.

tura, e que não é um “campo”, mas talvez seja uma rede. O mesmo dá-se no caso dos ricos. Bourdieu escreveu *La Distinction* (1979), que é um livro fascinante em que as elites sociais francesas de algum modo têm convergência de capitais, pois são ao mesmo tempo as que têm maior capital econômico, social e político, além de exercerem sobre o restante da sociedade uma força que as faz legítimas. Ou seja, por meio da distinção elas se fazem legítimas. Na Argentina não é assim! Os que possuem capital econômico muitas vezes fazem pouco tempo que são ricos e, em geral, não se comprometem com a vida política — e quando se comprometem o fazem de maneira muito intermitente. Ademais, em geral os ricos na Argentina são malvistas, pois são vistos como oligarcas, como os que arruinam o país ou que fazem mal à sociedade. Então, a ideia de distinção ou de legitimação não funciona aqui como lá. Há a desigualdade, mas as elites não detêm legitimação. Então, para mim serviu para começar a pensar Bourdieu, mas para poder seguir pensando as especificidades da Argentina eu precisava tomar um pouco de distância dele. Algumas coisas serviram-me, porque ele descreve distintos tipos de capital econômico, mas o que ocorre é que se presume que eles andam mais ou menos juntos na França. Bom, eu estou aqui [na Argentina] vendo que distintos capitais econômicos não necessariamente seguem juntos. Muitos dos proprietários de empresas na Argentina vivem no exterior. Hoje as empresas da Argentina são majoritariamente estrangeiras, de modo que os ricos não mantêm sua riqueza no país, mas nos paraísos fiscais. Isso é que é interessante em uma pesquisa (ao menos para mim, que trato desse assunto, acho interessante). Seguindo Bourdieu, não se pode realizar uma pesquisa com tantos pressupostos. Parece-me que aí não necessariamente se é fiel à realidade que se tenta conhecer, mas

quando se toma Bourdieu como uma inspiração, quando se discute com ele, quando se toma distância dele me parece que se abrem perguntas novas e a autonomia intelectual é alcançada, que é onde nós, os latino-americanos, temos de chegar. Dialogar com o melhor dos centros intelectuais do mundo, para desenvolver um pensamento que se ajuste à nossa realidade, não para dizer que somos uma versão incorreta, incompleta. Todos os trabalhos sobre “campo” na Argentina dizem que somos “um campo não consolidado”, “um campo periférico”, “um campo heterônomo”, mas então não é um “campo”! Chame-o de outra maneira se ele não está cumprindo com o que deve ser. Além disso, algo que descobri com Olessia Kirtchik, que para mim foi fascinante, é como categorias que surgem no centro como categorias descritivas quando viajam para as periferias se transformam em categorias prescritivas: tem de ser assim, porque assim é que está bom. Por que está bom? Temos de pensar nas vantagens e desvantagens. Sobre a questão da análise de correspondência, eu lembro que Federico Lorenc Valcarce, que trabalhou sobre segurança privada e sobre o qual comentei anteriormente, fez uma formação específica com Frédéric Lebaron sobre o tema. A questão para mim é que, antes de conhecer como se utilizava a técnica, eu havia compreendido por meio de Monique de Saint-Martin que contra ela havia muitas objeções. Uma delas é que se poderia forçar muito os dados com a análise de correspondência múltipla. Então, não me pareceu necessário fazer o esforço de aprendê-la. Federico Lorenc teve essa formação e creio que lhe serviu para os estudos de segurança privada. Mas essa metodologia não se desenvolveu tanto na Argentina, que eu saiba.

Considera-se que a contribuição de Bourdieu sobre o campo político é relati-

vamente pequena se a compararmos com o que ele produziu, por exemplo, sobre o sistema de ensino. Basicamente temos o texto *Questions de politique*, resultado de dois seminários ocorridos em 1977, “La représentation politique”, de 1981, e uma conferência feita em Lyon em 1999 e que foi publicada em 2000 pela editora daquela universidade sob o título *Propos sur le champ politique*¹⁰. Quais são os trabalhos de referência para fazer sociologia política na Argentina? O que usar para analisar o campo político?

Aqui eu tenho duas recomendações para fazer. Uma é Alfredo Joignant, que organizou com dois colegas, todos professores da Universidade Diego Portales, do Chile, o livro *Malaise in representation in Latin American countries* (JOIGNANT; MORALES; FUENTES, 2017). Eles congregaram pessoas do Chile, do Uruguai, da Argentina e do Brasil. Mas, principalmente, Joignant é um grande difusor do pensamento de Bourdieu em questões de política e está para publicar um livro nos Estados Unidos sobre a noção de capital político em Bourdieu, ou a sociologia política de Bourdieu. Também na Argentina, Gabriel Vommaro e Mariana Gené organizaram o livro *La vida social de mundo político: investigaciones recientes en sociología política* (2017). Os dois trabalharam com bourdieusianos na França, fizeram suas teses lá e compilaram esse livro, que tem uma contribuição minha e de outros sobre como pensar o mundo político na chave sociológica. A ideia do livro era estabelecer algum tipo de contraponto com a ciência política. O que é fazer uma análise sociológica sobre o político? Para mim, que entrei na questão do público e do político pelo lado da sociologia da *expertise*, não necessariamente política, parece-me que o interessante é isto: Bour-

dieu faz um convite para pensar o político e a política por um ponto de vista que não se limita aos profissionais da política nem às instituições definidas convencionalmente como políticas. Por exemplo, o trabalho sobre a televisão (*Sur la télévision*, 1996) é um grande trabalho de sociologia política, porque mostra como a sociedade, com seus grandes meios de comunicação, sob a tirania dos formatos dos programas com sua definição dos que podem participar e as barreiras que impedem o debate público, impede o intercâmbio interessante de ideias. Parece-me que esse livro possui muitos elementos interessantes para pensar a política sem tratar nem dos partidos políticos nem dos homens políticos. O mesmo ocorre com um artigo pequeno sobre os estudos de opinião (BOURDIEU, 1973), como ocorre quando se solicitam às pessoas que se posicionem ante um candidato, perante uma política. Bourdieu questiona isso dizendo que a opinião pública não existe e que os estudos de opinião violentam o modo como as pessoas refletem sobre sua vida cotidiana. Parece-me que Bourdieu é muito interessante quando trata das fronteiras. Como bom sociólogo, ele reivindica uma sociologia que não se contenta em trabalhar apenas com a pobreza e com a desigualdade, mas também aborda questões econômicas e políticas, discutindo com a demarcação de perímetros, de limites disciplinares estritos. Penso também no trabalho de Michel Offerlé sobre como aparecem as elites políticas na democracia e que trata dessa questão de uma perspectiva histórica. Ou então as análises de Daniel Gaxie sobre o voto em branco. Já os trabalhos bourdieusianos de referência em sociologia política na Argentina, posso mencionar os livros *La Noblesse d'État* (BOURDIEU, 1989),

10 A Revista Brasileira de Ciência Política publicou a conferência (BOURDIEU, 2011).

Raison Pratiques (BOURDIEU, 1994) e *La Distinction* (BOURDIEU, 1979), que dizem muito sobre as formas de sentir e de pensar, além da obra *Les structures sociales de l'économie* (BOURDIEU, 2000a), que, apesar de ser um texto de sociologia econômica, serve muito para pensar como o Estado é corresponsável com os empresários pela conformação do mercado, bem como para questionar a fronteira entre a economia e a política. Depois temos artigos pontuais importantes, como *Le Sens Pratique* (BOURDIEU, 1980), “La représentation politique” (BOURDIEU, 1981) e *Les usages du “peuple”* (BOURDIEU, 1987b), que questionam o que significa evocar um povo que não existe e que demonstram a dimensão mais construtivista de Bourdieu. Também *Le sondage, une “science” sans savant* (BOURDIEU, 1987c). Sobre este último, podemos falar hoje acerca de toda essa espécie de vingança dos ressentidos, no Brasil, na França. Faz anos que escuto dizer que os trabalhadores pobres estão se voltando para a extrema direita. Que as pessoas que antes aderiam à esquerda agora estão se voltando à extrema direita. A sociologia vem antecipando isso há bastante tempo. Bourdieu antecipou isso. O que ocorre é que as pessoas que fazem entrevistas eleitorais não o podem perceber, porque isso não os interessa. Não lhes interessa a composição sociológica, as preocupações do eleitorado.

O que importa é ver se o candidato é bom ou não, é elegível ou não. Contra isso, Bourdieu é bastante potente. Na sociologia francesa pragmática, caso de Bruno Latour ou de Michel Callon, não se está obrigado a se ater às categorias que organizam o debate na grande academia anglo-saxã internacionalizada (Estados Unidos e Inglaterra), que, à diferença da francesa, tem categorias temáticas e disciplinares mais estritas. As pessoas podem falar de televisão para falar de política, ou de estudos de opinião para falar da preferência entre os candidatos. Parece-me que há algo dessa pretensão mais geral, essa busca interdisciplinar que é muito importante. É certo que o mundo moderno se dirige para uma especialização cada vez maior e que nesse marco é muito difícil desenvolver um pensamento transversal. Não obstante, acredito que é este o desafio da sociologia: construir pontes entre disciplinas, problematizar a ação humana e suas formas de agregação. É esse legado da teoria crítica e da tradição bourdieusiana ou francesa mais geral que eu reivindico. Eu estive em Paris quando Boltanski publicou *De la critique* (2009), e havia economistas, filósofos e literatos discutindo esse livro, ou seja, sobre o que era pensar criticamente. Há algo dessa efervescência característica do pensamento social francês que Bourdieu tem e que, pelo menos no meu caso, acredito que seja bom difundir e cultivar.

Bibliografia

- BEAUD, S.; PIALOUX, M. **Retour sur la condition ouvrière**: enquête aux usines Peugeot de Sochaux-Montbéliard. Paris: Fayard, 1999.
- BENZECRY, C. E. **El fanático de la Ópera**: etnografía de una obsesión. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.
- BENZECRY, C. E.; HEREDIA, M. Sociology in Argentina. **Contemporary Sociology**, v. 46, n. 1, p. 10-17, 2017. <https://doi.org/10.1177%2F0094306116681791>
- BOLTANSKI, L. **De la critique**: précis de sociologie de l'émancipation. Paris: Gallimard, 2009.

- BOURDIEU, B. **Choses dites**. Paris: Minuit, 1987b.
- BOURDIEU, P. **Cosas dichas**. Tradução de Margarita Mizraji. Barcelona: Gedisa, 1993.
- BOURDIEU, P. **La distinción**. Criterio y bases sociales del gusto. Tradução: Maria del Carmen Ruiz de Elvira. 3. ed. Madrid: Taurus, 1988.
- BOURDIEU, P. **La Distinction**. Critique sociale du jugement. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, P. (org.). **La misère du monde**. Paris: Éditions du Seuil, 1993.
- BOURDIEU, P. **La noblesse d'État**: grandes écoles et esprit de corps. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.
- BOURDIEU, P. La représentation politique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 36-37, p. 3-24, 1981. BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- BOURDIEU, P. Le sondage, une «science» sans savant. *In*: _____. **Choses dites**. Paris: Minuit, 1987c. p. 217-224.
- BOURDIEU, P. **Les structures sociales de l'économie**. Paris: Seuil, 2000a.
- BOURDIEU, P. Les usages du «peuple». *In*: _____. **Choses dites**. Paris: Minuit, 1987c. p. 178-184.
- BOURDIEU, P. L'opinion publique n'existe pas. **Les Temps Modernes**, v. 318, p. 1292-1309, 1973.
- BOURDIEU, P. **Los estudiantes y la cultura**. Tradução de M. T. López Pardina. Barcelona: Editorial Labor S. A., 1969.
- BOURDIEU, P. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 5, p. 193-216, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522011000100008>
- BOURDIEU, P. **Propos sur le champ politique**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000b.
- BOURDIEU, P. Questions de politique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 16, n. 1, p. 55-89, 1977.
- BOURDIEU, P. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.
- BOURDIEU, P. **Raisons pratiques**. Sur la théorie de l'action. Paris: Seuil, 1994.
- BOURDIEU, P. **Sociología y Cultura**. Tradução de Martha Pou. México: Grijalbo, 1990.
- BOURDIEU, P. **Sur la télévision**. Paris: Liber-Raisons d'agir, 1996.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **La Reproduction**. Éléments pour une théorie du système d'enseignement. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **Les héritiers**: Les étudiants et la culture. Paris: Ed. de Minuit, 1964.
- BOURDIEU, P.; SAINT-MARTIN, M. de. Le patronat. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 20-21, p. 3-82, 1978.
- CASTEL, R. **Les métamorphoses de la question sociale**. Une chronique du salariat. Paris: Fayard, 1995.
- HEREDIA, M. ¿La formación de quién? Reflexiones sobre la teoría de Bourdieu y el estudio de las elites en la Argentina actual. *In*: ZIEGLER, S.; VICTORIA, G. (orgs.) **La formación de las elites en la Argentina**. Nuevas investigaciones y desafíos contemporáneos. Buenos Aires: FLACSO-Manantiales, 2012. p. 277-295.

- HEREDIA, M. **Les métamorphoses de la representation. Les économistes et la politique en Argentine (1975-2001)**. Tese (Doutorado em Sociologia) – École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 2007.
- HEREDIA, M. Pierre Bourdieu, el pragmatismo y su ajuste al terreno: una experiencia desde la investigación sobre el poder y la riqueza. In: NARDACCHIONE, G. **Calibrando el foco: estudios sobre la formación de categorías conceptuales y empíricas**. Buenos Aires: Editora SB, 2019. (no prelo).
- HEREDIA, M.; KIRTCHIK, O. La notion de «champ» à l'épreuve de l'histoire sociale comparée: les sciences économiques en Russie et en Argentine. **Social Science Information**, v. 49, n. 4, p. 583-613, 2010.
- JOIGNANT, A.; MORAIES, M.; FUENTES, C. **Malaise in representation in Latin American countries: Chile, Argentina, and Uruguay**. Nova York: Palgrave MacMillan, 2017.
- TOVILLAS, P. **Bourdieu: una introducción**. Buenos Aires: Quadrata, 2010.
- VOMMARO, G.; GENÉ, M. **La vida social de mundo político: investigaciones recientes en sociología política**. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2017.

Resumo

A repercussão de Pierre Bourdieu na Argentina: entrevista com a socióloga Mariana Heredia

Mariana Heredia é uma socióloga argentina e professora/pesquisadora do Instituto de Altos Estudos Sociais (Idaes), da Universidad Nacional de San Martín. Suas pesquisas concentram-se em duas linhas principais: a sociologia do poder e das elites e a sociologia das desigualdades sociais e da classe média alta. Mariana Heredia cursou o mestrado e o doutorado na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris, ao longo dos anos 2000. Na França, ela trabalhou com discípulos de Pierre Bourdieu, bem como com autores que desenvolveram importantes teorias próprias sob certa influência do legado bourdieusiano — conhecidos como pragmatistas franceses. Sua entrevista aborda o modo como alguns cientistas sociais argentinos(as), especialmente sociólogos(as), incorporaram Pierre Bourdieu e os pragmatistas franceses em suas pesquisas. Mariana Heredia também traz uma interessante análise crítica da herança intelectual de Bourdieu tanto na França quanto na Argentina. A entrevistada defende que, se na França os herdeiros diretos de Bourdieu avançaram pouco no desenvolvimento de sua teoria, empregando-a acriticamente, os(as) cientistas sociais argentinos(as) souberam adaptá-la aos seus objetos de pesquisa, aperfeiçoando-a e tornando-a mais atualizada.

Palavras-chave: Sociologia de Pierre Bourdieu; Legado de Pierre Bourdieu; Pragmatistas franceses; Sociologia das elites, Argentina.

Abstract

Pierre Bourdieu's repercussion in Argentina: interview with sociologist Mariana Heredia

Mariana Heredia is an Argentinian sociologist and professor/researcher at *Instituto de Altos Estudios Sociales* (IDAES) of the *Universidad Nacional de San Martín*. Her work focuses on two main research lines: the sociology of power and the elites and the sociology of social inequality and the upper-middle class. Mariana Heredia concluded her Masters and Doctorate at the *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales* – Paris throughout the 2000s. While in France, she

worked with disciples of Pierre Bourdieu, as well as with authors who developed renowned theories of their own under the influence of the Bourdieusian legacy – known as the “French pragmatists”. Her interview addresses how some Argentinian social scientists, particularly sociologists, incorporated Pierre Bourdieu and the French pragmatists into their researches. Mariana Heredia also provides an interesting critical analysis of Bourdieu’s intellectual legacy in both France and Argentina. In the interview, she argues that while in France Bourdieu’s direct heirs made limited progress in developing his theory, employing it uncritically, Argentinian social scientists were able to adapt, perfect, and update Bourdieu’s work into their research objects.

Keyword: Pierre Bourdieu’s Sociology; Bourdieusian Legacy; French Pragmatists; Sociology of the elites; Argentina.

Résumé

La répercussion de Pierre Bourdieu en Argentine : entretien avec la sociologue Mariana Heredia

Mariana Heredia est une sociologue argentine et professeur/chercheuse à l’Instituto de Altos Estudios Sociales (IDAES) de l’Universidad Nacional de San Martín. Ses recherches se concentrent sur deux axes principaux : la sociologie du pouvoir et des élites et la sociologie des inégalités sociales et de la classe moyenne supérieure. Mariana Heredia a obtenu le master et le doctorat à l’École des Hautes Études en Sciences Sociales, à Paris, pendant les années 1920. En France, elle a travaillé avec des disciples de Pierre Bourdieu, ainsi qu’avec des auteurs qui ont développé des théories originales au-delà du l’héritage du maître – connues comme « pragmatistes français ». L’entretien se concentre sur les modalités d’appropriation de l’œuvre de Bourdieu et des pragmatistes par quelques scientifiques sociaux argentins et, en particulier, des sociologues. De plus, Mariana Heredia développe une intéressante analyse critique de l’héritage intellectuel de Bourdieu en France et en Argentine. Elle soutient qu’en France les héritiers directs de Bourdieu ont peu avancé dans le développement de sa théorie parce qu’ils l’ont utilisée sans critique, alors que les scientifiques sociaux argentins ont adapté la théorie à leurs objets de recherche, en l’affinant et en la rendant plus à jour.

Mots-clés : Sociologie de Pierre Bourdieu, l’héritage de Pierre Bourdieu, pragmatistes français, sociologie des élites, Argentine

